

Peixe Grande em Água Fria¹

Daniela DA SILVA²
Cássio DAL PONTE³
Ilka GOLDSCHMIDT⁴

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão a cerca dos métodos e procedimentos utilizados para a elaboração do roteiro do documentário Peixe Grande em Água Fria. O documentário apresenta, de forma experimental, relações entre o escândalo de espionagem revelado por Edward Snowden, ex-analista de informações da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos, e a Guerra Fria.

PALAVRAS-CHAVE: Espionagem; Documentário; Guerra Fria; Sociedade; Cultura

INTRODUÇÃO

Vilão para uns, herói para outros. Edward Snowden é o principal responsável por revelar um escândalo de espionagem que agitou as relações diplomáticas do governo estadunidense com diversos países. Exilado, Snowden recebeu abrigo de um inimigo histórico do seu país, a ex-União Soviética, atual Rússia. O episódio marcou o que parece ser uma nova temporada de uma Guerra, que muitos consideram não ter existido, tendo em vista que nunca ocorreu um combate direto entre os envolvidos.

Teoricamente a Guerra Fria iniciou no final da Segunda Guerra Mundial (1945) e configurou-se como uma série de disputas políticas, econômicas, armamentistas, e principalmente ideológica, entre sistemas capitalistas e socialistas. Nessa mesma época, o

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Audiovisual, modalidade Roteiro de não-ficção (avulso ou seriado).

² Aluna líder do grupo e estudante do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: danidasilva@unochapeco.edu.br

³ Aluno integrante do grupo e estudante do Curso de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, e-mail: cassiodp@unochapeco.edu.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: ilkamg@unochapeco.edu.br.

nacionalismo estadunidense e o culto a grandes personalidades hollywoodianas se espalharam por diversos países transformando o cinema em uma das maiores armas de controle cultural de todos os tempos.

A Guerra não pode jamais ser separada deste espetáculo mágico porque sua principal finalidade é justamente a produção deste espetáculo: abater o adversário é menos capturá-lo do que cativá-lo, é infringir, antes da morte, o pânico da morte. [...] Nos Estados Unidos, a produção cinematográfica era acompanhada atentamente pelo Alto Comando Militar, quando o próprio Pentágono não se tornava diretamente o produtor e distribuidor de filmes de propaganda. (VIRILIO, 1993, p. 12 – 18)

De acordo com Virilio (1993) a indústria de Hollywood passou a associar a figura de espiões soviéticos a uma espécie de anunciantes do fim do mundo, demonizando o sistema socialista e criando uma imagem de bem contra o mal, representada pelos Estados Unidos e a União Soviética, respectivamente.

Com a pós-modernidade e o fim das utopias do capitalismo, uma série de desconfianças surgiram. A imagem de proteção relacionada aos Estados Unidos tomou rumos contrários, sugerindo que o capitalismo praticava uma das coisas que mais criticava no socialismo, ele tornava as pessoas reféns do próprio sistema.

Esse documentário toma consistência, não pelas informações que traz, mas pelas relações que estabelece. A narrativa concebe uma montagem capaz de explorar diversos recursos cinematográficos, dentre eles, a encenação, que segundo Ramos (2008) embora seja motivo para grandes confusões conceituais, no que diz respeito ao documentário, é bastante utilizada e ocorre desde o nascimento do gênero.

Através de analogias e resignificação de imagens e áudios, o documentário pretende provocar reflexões acerca do jogo de interesses atuais entre os dois protagonistas dessa guerra, mostrando que existem muitas relações entre o passado e o presente.

OBJETIVO

O objetivo do trabalho é apresentar um roteiro de filme reflexivo que aposta no experimentalismo, no jogo de imagens e sons inicialmente desconexos a fim de relacionar fatos históricos com a atualidade, observando os princípios éticos.

JUSTIFICATIVA

Criada em plena Guerra Fria, em um período de hostilidade e divergências ideológicas, a internet transformou-se em uma nova forma de interação social, revolucionando os meios de comunicação e tornando-se uma das principais invenções tecnológicas de todos os tempos. De acordo com dados revelados pela União Internacional de Telecomunicações – ITU, existem atualmente mais de três bilhões de usuários de internet em todo o mundo, algo em torno de 40% de toda a população do planeta. Os dados atestam que a maior taxa de novos usuários está entre os países em desenvolvimento, grupo do qual o Brasil e muitos países espionados pelos Estados Unidos fazem parte.

A internet surgiu como um mecanismo de defesa de dados. Uma arma de proteção, criada pelos Estados Unidos, para assegurar que informações do governo não fossem perdidas caso um ataque soviético ocorresse. Podemos analisar a fuga de Snowden e seu refúgio na Rússia, como uma espécie de remake de um dos maiores clássicos do cinema internacional, o filme de Frankstein. No filme, a criatura, representada nesse contexto pela internet, se revolta contra o seu criador, os Estados Unidos. O país vê sua confiabilidade sendo questionada ao mesmo tempo em que infringe a soberania de diversas nações, e o maior culpado é a sua maior invenção.

Ao ressignificar imagens e discursos de materiais de arquivo, apropriamo-nos de novas possibilidades de análise referentes aos fatos narrados. O discurso escolhido, as imagens selecionadas e a sua manipulação, permitem que o experimentalismo traga elementos narrativos que o meio comercial não apresenta com frequência.

Em um nível mais profundo, nós estamos nos afastando da noção positivista de que o sentido reside no mundo e os seres humanos devem se esforçar para descobrir a realidade inerente e objetivamente verdadeira das coisas. Esta filosofia positivista levou muitos cientistas sociais, bem como documentaristas e jornalistas, a esconderem-se e a esconder seus métodos a pretexto de objetividade [...]. Nós estamos começando a reconhecer que o ser humano constrói e impõe sentido ao mundo. Nós criamos a ordem. Não a descobrimos. Nós organizamos uma realidade que é significativa para nós. É em torno destas organizações da realidade que cineastas constroem filmes (RUBY apud DA-RIN, 2008, p.184).

De acordo com Nichols (2007) essa é uma realidade reflexiva que estabelece uma situação em que o cineasta preocupa-se em dar fundamentos para que o espectador tire suas próprias conclusões sobre o que está sendo mostrado. Portanto, esse roteiro se justifica por estabelecer um espaço para a análise crítica dos mecanismos de expressão do documentário. As construções e desconstruções dos estereótipos presentes em sua linha discursiva provocam uma discussão ideológica que propicia ao espectador questionamentos sobre

questões sociais mais complexas, perpetuando, dessa forma, o enriquecimento cultural de quem o assiste.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para muitos autores o documentário se fundamenta na sua capacidade de provocar diferentes interpretações a cerca de um mesmo assunto. Penafria (1999) acredita que é essa a relação entre o documentarista e a sociedade que nos permite viver o cinema como parte integrante do nosso mundo.

O cinema como arte autônoma expande-se até a realidade virtual criando campos de ação, experimentando com novas fronteiras, formas e funções relacionadas ao lugar social e, sobretudo, produzindo novos parâmetros estéticos. Basicamente, no contexto pós-moderno, todo o aparato cinematográfico tende a ser renegociado. (COSTA, p. 83, 2007)

O roteiro nasce quando você precisa contar uma história. Para documentários que não tratam de ações espontâneas, como sugere este roteiro, é necessário que haja uma construção narrativa mais completa e fechada. Uma espécie de garantia para não se perder na própria história. Segundo Bernard (2008) uma boa narrativa para documentário, na maioria das vezes, depende de uma boa pesquisa. Assim como a autora, o documentarista chileno, Patricio Gúzman (2009), esclarece que quanto mais profunda a investigação, mais possibilidades criativas estarão dispostas. Ambos acreditam que o pesquisador deve se tornar um verdadeiro especialista do tema que decidiu abordar.

Por ser uma pauta de relevância internacional, não foi difícil encontrar conteúdo para explorar. Revistas, jornais, televisão e uma série de publicações traziam o rosto de Snowden estampado, mas foi a internet a ferramenta que norteou a pesquisa e a abordagem desse roteiro. A partir de leituras e pesquisas audiovisuais (muitos arquivos encontrados se tornaram material do documentário), foi definido que o roteiro não trataria do escândalo de espionagem de forma estrita, pois esse não se apresentou como um evento isolado. É de conhecimento comum que historicamente a espionagem alimenta teorias conspiratórias que dão vida a grandes produções hollywoodianas. Este não seria mais um desses filmes, primeiro pelo orçamento, é claro, e segundo pelo objetivo de ser um produto experimental e independente, criado a partir de materiais disponibilizados na rede, de acesso a qualquer cidadão.

Com o argumento e a narrativa definidos, o próximo passo foi entender como o roteiro se estruturaria, visto que além de ser um documentário com material de arquivo, há a encenação de um personagem. A primeira tarefa foi procurar roteiros de documentários com propostas semelhantes, no caso as maiores referências foram o *Ilha das Flores* (1989) de Jorge Furtado e *Nós que aqui estamos por nós esperamos* (1999) de Marcelo Mazagão. A segunda foi criar um formato de roteiro mais próximo da ficção. O resultado foi uma tabela com duas colunas, onde na primeira está escrito o texto narrado e na outra a imagem a ser utilizada. Como documentário é um recorte da realidade e quem possui a tesoura é o diretor, a construção criativa do roteiro sofreu pequenas alterações até a etapa de montagem e edição final.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Por se tratar de um documentário reflexivo, que relaciona fatos, mais do que apresenta informações, optou-se, nesse trabalho, por descrever cena a cena do filme, fixando três importantes blocos que atuam de modos distintos. O primeiro usa elementos da atualidade para retratar a disputa entre Estados Unidos e a Rússia. O segundo faz um resgate histórico e traça analogias para interligar o passado ao presente. E por fim o terceiro, que consiste em uma entrevista entre um personagem fictício e uma personalidade internacional.

Primeira Parte

A primeira cena do documentário é narrada por Pedro Bial, o áudio foi extraído de uma das eliminações do Big Brother Brasil, reality show do qual o jornalista é apresentador. No programa, um grupo de aproximadamente 15 pessoas é confinado em uma casa com câmeras. Toda semana duas pessoas são indicadas ao paredão (termo que também foi utilizado durante a ditadura nazista para se referir às pessoas que seriam executadas a tiros em frente a uma parede), onde o público, o qual tem acesso às imagens do confinamento, julga quem deve ser o eliminado.

O Big Brother Brasil, é um dos programas de maior audiência na TV brasileira. A franquia criada na Holanda é duramente criticada pela sociedade intelectual, sobretudo, por aqueles que vêem no programa uma espécie de banalização do papel midiático. A origem do termo “Big Brother”, é bastante questionada, visto que ela já é conhecida dos amantes da

literatura há muito tempo, por meio da obra *1984* de George Orwell. No livro, o “Grande Irmão” (tradução em português) representa um personagem autoritário que mantém a sociedade vigiada constantemente.

Como de costume, antes de toda a eliminação Bial faz um discurso, porém, antes de começar, salienta: “Hoje eu quero falar não para o eliminado, não para os emparedados, quero falar com todo mundo”. Logo, a dinâmica de ressignificação de sentido começa a ser aplicada. A imagem sincronizada ao áudio do discurso pertencente a Osama Bin Laden, um árabe responsável pelo maior ataque terrorista de todos os tempos, morto mais tarde pelos Estados Unidos, o seu principal inimigo. Os emparedados, citados no texto, são os atuais presidentes das duas nações protagonistas da Guerra Fria, Barack Obama dos Estados Unidos e Vladimir Putin, da atual Rússia.

O discurso segue com Bial dizendo a seguinte frase: “Cérebros são importantes quando vencem os músculos”. Para ilustrar tal frase, imagens de ambos os presidentes praticando exercícios físicos são seqüenciadas. De um lado Putin, que durante anos serviu ao exército russo, e constantemente é visto praticando atividades físicas. Do outro, Obama, que é conhecido pelo bom humor e pelo carisma que cultiva entre o público em geral.

“É difícil administrar coalizões porque os indivíduos competem pelos melhores aliados e qualquer aliado de hoje pode ser um rival amanhã”, dá seqüência o narrador. Na primeira parte da fala, é exibido um encontro entre Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente brasileiro, e Obama. Na segunda, temos Dilma Rousseff, sucessora de Lula, e atual presidente do Brasil, selando um compromisso comercial com Putin. O Brasil é um dos principais países em desenvolvimento atualmente, além da sua importância comercial, o país é detentor de uma grande variedade de recursos naturais, o que incentiva a especulação por parcerias políticas e comerciais.

“Os indivíduos devem reavaliar constantemente a disposição, o estado de espírito e as estratégias uns dos outros, alterando seu próprio comportamento de acordo com isso. Os indivíduos podem também serem enganosos, escondendo deliberadamente seus sentimentos com expressões faciais mascaradoras”, segue o discurso com imagens de Obama e Putin em raro momento de descontração em uma reunião internacional. “(...) ou gritando para fingir que foram atacados quando seu motivo real é arregimentar partidários”. Nesse ponto, são exibidas as imagens da cobertura do Jornal Nacional, sobre o ataque de 11 de setembro, planejado pelo terrorista, Osama Bin Laden. Muitas teorias conspiratórias sugerem que esse ataque foi provocado pelo próprio Estados Unidos para conseguir ter um motivo ávido em

atacar o oriente médio, tendo por trás disso a facilitação na exploração do petróleo sem que sofressem a retaliação da comunidade internacional.

“O resultado é um melodrama de afetos em perene transformação, alianças, hostilidades e uma constante pressão para levar a melhor sobre os outros”, narra Bial enquanto os dois presidentes permanecem sentados um ao lado do outro. Ao final Bial revela que esse texto, na verdade, fala da relação entre um grupo de chimpanzés e faz parte do livro *Pegando Fogo – Por que Cozinhar nos tornou humanos*, do antropólogo inglês Richard Wrangham. Ambos os presidentes riem e se dão as mãos em forma de cumprimento, ao mesmo tempo em que o apresentador afirma: “O jogo começa agora”, ao som da abertura do programa Big Brother Brasil.

Segunda Parte

Dá por diante o documentário ganha uma nova voz que revelará sua identidade e importância contextual mais adiante. A primeira imagem mostra uma cena do filme Super-homem, o primeiro super-herói criado pelos Estados Unidos. Valentes e práticos, os super-heróis estadunidenses sempre foram relacionados a figuras que poderiam salvar o mundo de “vilões” nazistas e comunistas que ameaçavam a paz mundial. O texto narrado é autoexplicativo e traz breves dados sobre a internet.

Em seguida, o texto explica que a internet foi utilizada, inicialmente, como uma arma de defesa, responsável por armazenar dados e descentralizá-los do pentágono (a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos). Em contraponto a essa afirmação, uma imagem mostra um submarino russo, com um homem, que supostamente é Putin banhando-se. O submarino russo é mais um elemento bastante presente no imaginário da guerra, pois foi durante a Guerra Fria uma das maiores armas de intimidação russa.

É nesse momento que a principal analogia (reflexão) do documentário é proposta: Nela, a internet é uma arma de pesca, sendo cada usuário mais um peixe na “rede” dos Estados Unidos, enquanto os russos mal conseguem ficar na água fria. Uma alusão ao que seria o resultado de um possível cenário da Guerra Fria, onde a Rússia, demonstrava grande desvantagem tecnológica em relação aos estadunidenses. Para selar, o Facebook, principal site de relacionamentos virtuais, é exibido como a grande rede responsável por “pescar” um em cada sete seres humanos, visto que a sua estimativa de usuários ativos é de mais de 1

bilhão de pessoas e pesquisas recentes mostram que a população mundial está na casa dos 7 bilhões de pessoas.

Após Obama aparecer em um programa de TV como convidado do fundador da rede social, Mark Zuckerberg, o roteiro opta por mostrar uma cena do filme *K-19* (2002) onde soldados russos zombam e provocam um helicóptero estadunidense (os russos são conhecidos mundialmente pelo sarcasmo e pelas provocações de humor irônico). Na cena seguinte, a identidade da voz que passou a narrar à história, após Bial, é revelada.

Terceira Parte

Trata-se de uma atriz interpretando Cármen Miranda. Segundo dados revelados pela agência de notícias Associated Press, a atriz e cantora luso-brasileira, faturou em 1944, \$ 201.458 dólares, pagos pela emissora FOX dos Estados Unidos, o que a configurou como a mulher que mais faturou dinheiro nos Estados Unidos e possivelmente no mundo (naquele ano). Cármen é, portanto, um dos maiores símbolos do show business até hoje.

Em o *Peixe Grande em Água fria*, Cármen aparece como a apresentadora de um programa de entrevistas, onde receberá Edward Snowden. Antes de a entrevista começar, um suspense é feito. Assim como nos programas de televisão, antes de revelar quem é o entrevistado, ela brinca com alguns personagens de hollywood que possuem o mesmo nome: *Edward Cullen*, do filme *Crepúsculo* (2008), *Edward Bloom* de *Peixe Grande e suas Histórias Maravilhosas* (2004), e por último, talvez o mais cativante, *Edward mãos de Tesoura* (1990), do filme que leva o próprio nome. Programas de entrevistas com apresentadores com grande versatilidade humorística e intelectual são sucesso há anos, não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro.

Assim que revelada a identidade de Edward Snowden, Cármen o entrevista utilizando-se das mesmas perguntas respondidas pelo ex-analista, quando esse fez a sua primeira aparição após revelar que os Estados Unidos espionam não só o governo de diversos países, mas também seus cidadãos. A cada resposta dada por Snowden, Cármen retira uma fruta do seu figurino para degustar, fazendo com que o foco do público seja ela mesma e não as respostas dadas pelo entrevistado. Uma prática frequente no espetáculo televisivo, onde o brilho das estrelas ofusca a sujeira dos bastidores.

A entrevista é interrompida na altura em que Cármen questiona sobre os interesses do governo dos Estados Unidos sobre o Brasil. Entra então, uma imagem de Putin pescando

um grande peixe. A imagem representa o abrigo russo concedido a Edward Snowden após sua fuga dos Estados Unidos. Putin beija seu peixe grande e o guarda. Ou seja, décadas após o que seria o fim da Guerra Fria, com a extinção da União Soviética, a Rússia consegue por as mãos amigavelmente numa das principais peças do serviço de inteligência dos Estados Unidos. Sem mais delongas, o peixe grande vai parar em águas frias, e temos o nome do filme: *Peixe Grande em Água Fria*.

CONSIDERAÇÕES

O roteiro de *Peixe Grande em Água Fria* foi escrito com a intenção de discutir o jogo de interesses que reveste a espionagem internacional, resgatando o simbolismo agregado aos atuais presidentes dos países protagonistas da Guerra Fria.

Na medida em que se propõe a estabelecer asserções sobre o mundo histórico, o documentário estará lidando diretamente com a reconstituição e a interpretação de um fato que, no passado, teve a intensidade de *presente*. (...) A noção de *verdade*, muitas vezes, se aproxima de algo que definimos como interpretação. (RAMOS, p 32, 2008)

Conforme Ramos (2008) o documentário se torna contemporâneo na medida em que propõe uma conversa concomitante entre fatos recentes e antigos. Entre as suas funções está a permissão, se é que seja necessária, de reciclar a história. Nesse caso, falseando entre o medo e o prazer de espionar e ser espionado em épocas e situações diferentes. Na obra *Condição Pós-Moderna* (1989), Harvey, diz que por se tratar de uma arte que surgiu num contexto de impulso do modernismo cultural e pela enorme versatilidade com que pode se apresentar, o cinema é a forma artística que tem a maior capacidade de lidar de forma instrutiva com diferentes temas em diferentes espaços e tempo.

Por ser um material reflexivo, que se dedica a estabelecer relações entre fatos históricos e atuais, existe uma grande variação de camadas de interpretação. O porquê da escolha de cada fala, personagem, ou até mesmo a cena em si, pode não se apresentar da mesma forma para cada pessoa. Mas afinal, se todos entendessem as coisas e agissem da mesma forma, não haveria motivo algum para se refletir sobre qualquer assunto.

De acordo com Nichols (2005), os documentários politicamente reflexivos tendem a provocar nossa consciência a respeito da organização social e dos pressupostos que a sustentam. Dessa forma, eles induzem o espectador a um efeito “ ah-ha”, onde ele encontra o porquê do funcionamento do filme e sua proposta. Ele compreende e reconhece a maneira

como as coisas realmente são, mas nada o impede de aceitar uma condição de como poderiam ser.

Essa lógica reflexiva se estende por praticamente todo o roteiro, desde a construção do argumento até a montagem e edição final. O estranhamento provocado pela resignificação de sons e imagens promove um exercício introspectivo que faz com que cada espectador tire suas próprias conclusões a respeito do que está sendo apresentado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, S.C. **Documentário: Técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

COSTA, M.H. **A tensão pós-moderna no cinema**. Porto Alegre: Unisinus, 2007.

DA-RIN, Sílvio. **Espelho Partido**. Tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo. Loyola, 1994.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP; Papirus, 2005.

RAMOS, F. **Mas afinal ... o que é mesmo documentário**. São Paulo: Senac, 2008.

WRANGHAM, R. **Pegando fogo: Porque cozinhar nos tornou humanos**, São Paulo: Zahar, 2010.